

OLHOS NO ESPELHO: O ARQUIVAR A PRÓPRIA VIDA E A MULTIPLICIDADE DE FONTES

MARIANA ROCKENBACK¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹ UFPel – marianaa.rockenback@hotmail.com

² UFPel – larissapatron@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente escrita é um fragmento da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em História (PPGH-UFPel) que, atravessando a trajetória de Antônia Caringi de Aquino, uma mulher artista pelotense, almeja investigar as produções artísticas e os processos criativos nas concepções de seus espetáculos enquanto fonte histórica. Neste recorte em questão, dá-se o foco aos ganchos teóricos-metodológicos utilizados na pesquisa ao se tratar dos manuscritos do acervo pessoal da artista (diários da artista; fotos, recortes de jornais, prospectos de espetáculos, croquis, vídeos, figurines), entrecruzando possibilidades ao contrapor o “arquivar a própria vida” de Artières (1998) e as imagens encontradas nesses arquivos, à luz da Cultura Visual, Mitchell (2015). Ao compor uma trajetória se encontram inúmeros desafios, como por exemplo a falta de documentação, o que não é o caso desta pesquisa, pois a artista possui um vasto arquivamento de sua carreira na arte da dança.

A artista guarda pastas contendo uma espécie de currículo artístico, com registro de todos os prospectos de espetáculo que produziu, a partir de 1969, quando temos sua primeira produção. Fotografias, programas e prospectos, inúmeros recortes de matérias de jornal catalogados ano a ano, croquis de figurinos, croquis de painéis do cenário e até mesmo um projeto bastante descritivo do espetáculo que será esmiuçado na pesquisa em questão,” O *Guarany*”, um ballet ópera inspirado da obra de José de Alencar.

Diante deste mar de documentação, foi natural o pensar na pluralidade de fontes e compreender também o desejo da artista de “arquivar a própria vida”, de modo a conservar sua trajetória. Segundo Artières (1998), o arquivamento do eu, é uma forma de construção de si e também de resistência, do tempo e esquecimento. Pode ser segundo o autor, um meio de confrontar-se com o espelho, uma auto-análise que põe frente à frente a imagem social e a íntima de si próprio (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Sobre a neutralidade da prática, ele afirma que, “o arquivamento do eu não é uma prática neutra: é muitas vezes a única

ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto (Artières 1998, p. 31)". Pode-se então investigar acerca da sociedade que circula o sujeito a partir de seus arquivos, pois ele segundo Ribeiro (1998), "visa a guardar a melhor recordação de si próprio, geralmente graças à mediação socialmente aceita de objetos que ou já se valorizam, ou que um dia irão adquirir maior estima (Ribeiro, 1998, p. 35)".

Pela riqueza em material de imagens, lidamos aqui nesta escrita com as possibilidades de leitura das mesmas. Visto que as imagens, também fazem parte do arquivamento selecionado do sujeito, podendo-se perceber desejos nas escolhas dos materiais guardados.

Para além da vontade do sujeito, haveria também desejo na imagem? Este texto de Mitchell (2015), questiona o posicionamento do pesquisador diante da imagem. A partir da perspectiva da interpretação das imagens, o autor problematiza a forma de análise nos trabalhos recentes de história da arte e em cultura visual. Citando o desejo, ele aponta a maneira como o mesmo é direcionado aos produtores e consumidores de imagens, artistas ou espectadores, mas não da imagem em si. O autor propõe um deslocamento do desejo para as próprias imagens, não eliminando o potencial interpretativo, mas "descentralizando" o poder do desejo.

O autor debate sobre o entrecruzamento de questões que problematizam vozes abafadas na história como, por exemplo, as mulheres. Mitchell aponta a dificuldade que a mesma possui de responder diretamente e de articular seus próprios desejos. A partir deste questionamento do autor, é proposto no texto a pensarmos sobre que para além do "poder" das imagens, elas também são carregadas de fragilidade. Neste momento Mitchell transfere a pergunta de "o que as imagens fazem" para "o que as imagens querem", deslocando assim do poder para o desejo. Passando de um modelo dominante ao modelo do subalterno, assim, as imagens são convidadas a falar. O autor declara que "Se o poder das imagens é como o poder dos fracos, isso poderia explicar por que seu desejo é tão forte: para compensar sua impotência." (MITCHELL 2015 p. 171)

2. METODOLOGIA

As etapas metodológicas do estudo, foram primeiramente, buscar nas entrevistas, visto que o trabalho também possui relação com a História Oral, a coleta dos

documentos após o recolhimento do mesmo, organizá-los como (prospectos, convites de espetáculos e croquis) e assim fazer a análise dos dados levantados. A análise documental beneficia o olhar focado aos processos de transformação dos sujeitos, grupos sociais, comportamentos, bem como as práticas. (CELLARD, 2008). Segundo Cellard (2008), na pesquisa documental uma pessoa deve “esgotar” as pistas, a fim de saturar as fontes e atravessá-las até que sejam capazes de proporcionar informações interessantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de análise destes documentos está em desenvolvimento no momento em questão. Porém já se pode destacar a contribuição dos documentos ao compor uma trajetória, onde o mesmo vai expor os desejos do sujeito, o desejo coletivo da imagem construída do sujeito e condições temporais acerca da importância do registro e do documentar principalmente ao se tratar de processos artísticos onde a efemeridade é deveras presente. Ao finalizar o registro de tudo que foi encontrado, temos no acervo que nos foi disponibilizado, 162 fotografias; 28 prospectos de espetáculo; 15 croquis; 500 entre jornais e outros documentos como cartas, por exemplo, e 1 projeto de espetáculo intensamente descritivo acerca do “Ballet Ópera O Guarany”. Foram desenvolvidas através desta pesquisa, análises de imagens com base no espetáculo investigado, dispondo assim da possibilidade de atravessar os processos criativos e produção artística, bem como analisar a relevância dada à certas obras. Compreender através dos olhos e critérios de seleção das memórias da artista estudada o que movia, e ainda move seus desejos quando acessa tais documentos.

4. CONCLUSÕES

Ao se tratar primeiramente de uma trajetória, e sendo ainda uma trajetória de uma mulher artista encontramos diversos desafios para compor a mesma. Uma delas é a proposta desta pesquisa, que possui caráter inédito, o que acarreta pouca bibliografia sobre o tema. Como desejo, este trabalho quer através dos processos criativos de uma artista, desvelar a sociedade à qual circula e compreender o processo de escolhas, o ver e interpretar o mundo de Antônia Caringi, bem como os meios de produção de uma época.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

MITCHELL, W.J.T. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel. (Org.) **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 165.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si, ou... Revista **de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2068>. Acesso em: 14 nov. 2014.